

QUEM
AMA
ESCU
TA
betty milan

Obras da Autora

ROMANCE

O sexophuro, 1981

O papagaio e o doutor, 1991, 1998 (França, 1996; Argentina, 1998)

A paixão de Lia, 1994

O clarão, 2001 (Finalista do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura)

O amante brasileiro, 2004

Consolação, 2009

A trilogia do amor, 2010

ENSAIO

Manhas do poder, 1979

Isso é o país, 1984

O que é amor, 1983; *E o que é o amor?*, 1999

Os bastidores do carnaval, 1987, 1988, 1995 (França, 1996)

O país da bola, 1989, 1998 (França, 1996)

ENTREVISTA

A força da palavra, 1996

O século, 1999 (Prêmio APCA)

CRÔNICA

Paris não acaba nunca, 1996 (China, 2005)

Quando Paris cintila, 2008

COLONISMO

Fale com ela, 2007

INFANTIL

A cartilha do amigo, 2003

TEATRO

Paixão, 1998

A paixão de Lia, 2002

O amante brasileiro, 2004

Brasileira de Paris, 2006

Adeus, Doutor, 2007

QUEM
AMA
ESCU
TA
betty milan



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Milan, Betty
M582q Quem ama escuta / Betty Milan. - Rio de Janeiro : Record, 2011.

Crônicas da Coluna Fale com ela, publicadas na Veja.com.
ISBN 978-85-01-09421-6

1. Crônica brasileira. I. Título.

11-3199.

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

Copyright © Betty Milan, 2011

Projeto gráfico: Luiz Stein Design (LSD)

Equipe LSD: Fernando Grossman, João Marcelo e Mariana Spena

Preparação de texto: Mirian Paglia Costa

Foto da autora: Oswald

Composição de miolo: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-09421-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Todos querem ser escutados.
Barack Obama

Apresentação 11
Tudo nunca já foi dito 15
O amigo não rouba tempo 19
O amor rejuvenesce 23
Fantasia de incesto não é incesto 27
Ninguém escolhe preferência sexual 31
Quem ama respeita 35
Quem casa quer coincidir 39
O amado aceita o que o amante oferece 43
O que importa é a qualidade do encontro 47
O triângulo pode ser a solução 51
Manter segredo é um direito 55
O amante vive sua liberdade com o amado 59
Sem amor não há paz 63
O amor ilumina 67
A morte pode nos guiar 71
O amante não censura o amado 75
Separar-se não é romper 79
O que separa as pessoas é o preconceito 83
A sexualidade humana é variada 87
A palavra terapia pode ser vazia 91
Quem teme a perda já perdeu 95
O pai que se deixa educar pelo filho ensina a escutar 99

Sexo não é questão de moda	103
A pior paixão é a da ignorância	107
O futuro depende do presente	111
Fidelidade obrigatória não é virtude	115
A vida pode ser reinventada sempre	119
A função paterna é dar limites	123
Cada crime é um	127
A repetição é uma armadilha	131
O amor é sempre moderno	135
O ciúme é uma forma de masoquismo	139
Não ter filho é um direito	143
Ninguém é livre porque quer	147
Não é preciso se deslocar para se separar	151
A liberdade remoça	155
A mentira é um atoleiro	159
O amor é um ideal de vida	163
Sem liberdade o amor não se sustenta	167
A fidelidade forçada não é fidelidade	171
A ignorância mata	175
A amizade requer a abnegação	179
O que importa é ser feliz	183
Só quem se ama pode ser generoso	187
O bom clínico sabe escutar	191

O viciado nunca é livre 195
Fica bem quem aceita que o tempo passa 199
O brincar é um recurso civilizatório 203
Freud será eternamente moderno 207
O amante deseja contentar o amado 211
O amor desabrocha com as palavras 215
O amigo não trai 219
O caminho do meio é o melhor 223
Ninguém é obrigado a ter parceiro 227
Em matéria de sexo não existe certo nem errado 231
O amante sabe esperar 235
O analista escuta para que o analisando possa se
escutar 239
Sem o masoquista o sádico não tem vez 243
Nada é pior do que se desvalorizar 247
Amor é amor 251
Somos mais do que pensamos 255
Incesto é loucura solta 259
A vida é um quebra-cabeça 263
Separação implica diplomacia 267
A sinceridade vale ouro 271
Quem deseja o que pode é livre 275
A impaciência é contrária à cura 279

Gravidez só de propósito	283
O ciúme se autoengendra	287
O amor não existe sem a falta	291
Quem gosta de sofrer não sara	295
A escolha do analista é decisiva	299
Ninguém pode tudo	303
Don Juan de saia também existe	307
Gosto e sexo não se discutem	311
Só diz <i>sim</i> quem ousa dizer <i>não</i>	315
O tempo da análise depende do analista e do	318
analizando	319
Nenhum tema é irrelevante	323
Todos somos vulneráveis	327
Quem ama não sustenta o vício alheio	331
Ninguém precisa continuar casado	335
A vingança é um sentimento arcaico	339
O pai que se ajuda está ajudando o filho	343
Aprender a mudar é uma arte	347
Sexo revitaliza	351
Cada um é um	355
O inconsciente pode ser implacável	359
A pessoa ama como foi amada	363
Quem fala pode se surpreender e mudar	367

A raiva só prejudica 371
A prudência é salutar 375
A vingança maltrata quem se vinga 379
Só é feliz quem se aceita 383
A vida implica saúde e doença 387
O falo é uma flor 391
O amor não tem preço 395
Não dar ouvidos pode ser tão importante
quanto escutar 399
Só o amor do cão é incondicional 403
O amor não requer provas 407
A vida depende da boca 411

Apresentação

As primeiras colunas do meu consultório sentimental foram publicadas na *Folha de S. Paulo* e reunidas pela Record no livro intitulado *Fale com ela*. O consultório continuou na *Veja.com*. Dado o grande número de leitores e o fato de que nenhuma coluna é igual à outra, pareceu oportuno juntar novamente as melhores num livro que poderia se chamar *Fale com ela 2*. Porque o trabalho e a orientação são da mesma natureza.

Não respondo à questão do consulente dando uma solução, porém indicando o caminho no qual esta pode ser encontrada. Faço isso através de uma análise rigorosa do texto enviado. Para dar a resposta, valorizo as palavras do consulente e a sua maneira de se expressar. Quanto mais eu me aprofundo na subjetividade de quem me pede um conselho, maior é a identificação dos leitores. Como em *Fale com ela*, respondo às mais variadas perguntas. Do septuagenário casado que se apaixonou por uma jovem. Da mulher que é amante de um homem casado e não suporta o triângulo. Da jovem que ao transar toma o parceiro pelo irmão. Do *gay* que procura prostitutas para se convencer de que não é *gay*...

O meu procedimento, enquanto consultora, é, por um lado, análogo ao do romancista. Ao contar a história de

Madame Bovary, Flaubert contou a das bovarianas passadas, presentes e futuras. Fez da Bovary uma adúltera universal. Também eu procuro a universalidade de cada caso. Daí as tantas referências ao teatro e à literatura. Por outro lado, faço com o texto do consulente o que o analista faz com a fala do analisando. Sublinho o que importa a fim de que o consulente possa olhar para si mesmo de maneira nova e desvendar o motivo do seu drama.

Sustento, neste livro, as mesmas ideias presentes em *Fale com ela*. Ou seja, que é possível se liberar dos preconceitos e que, para não estar continuamente sujeito ao inconsciente, é necessário levar em conta a sua existência e decifrá-lo quando isto se impõe.

Aprendi com o trabalho que, seja qual for a história, nós todos podemos nos reconhecer nela, porque a escuta humaniza. Quando escutado, o drama do outro pode se tornar meu. Tiro dele ensinamentos preciosos. Recebi mais de um e-mail em que o leitor me dizia isso. Valia-se da história alheia para resolver os percalços da própria.

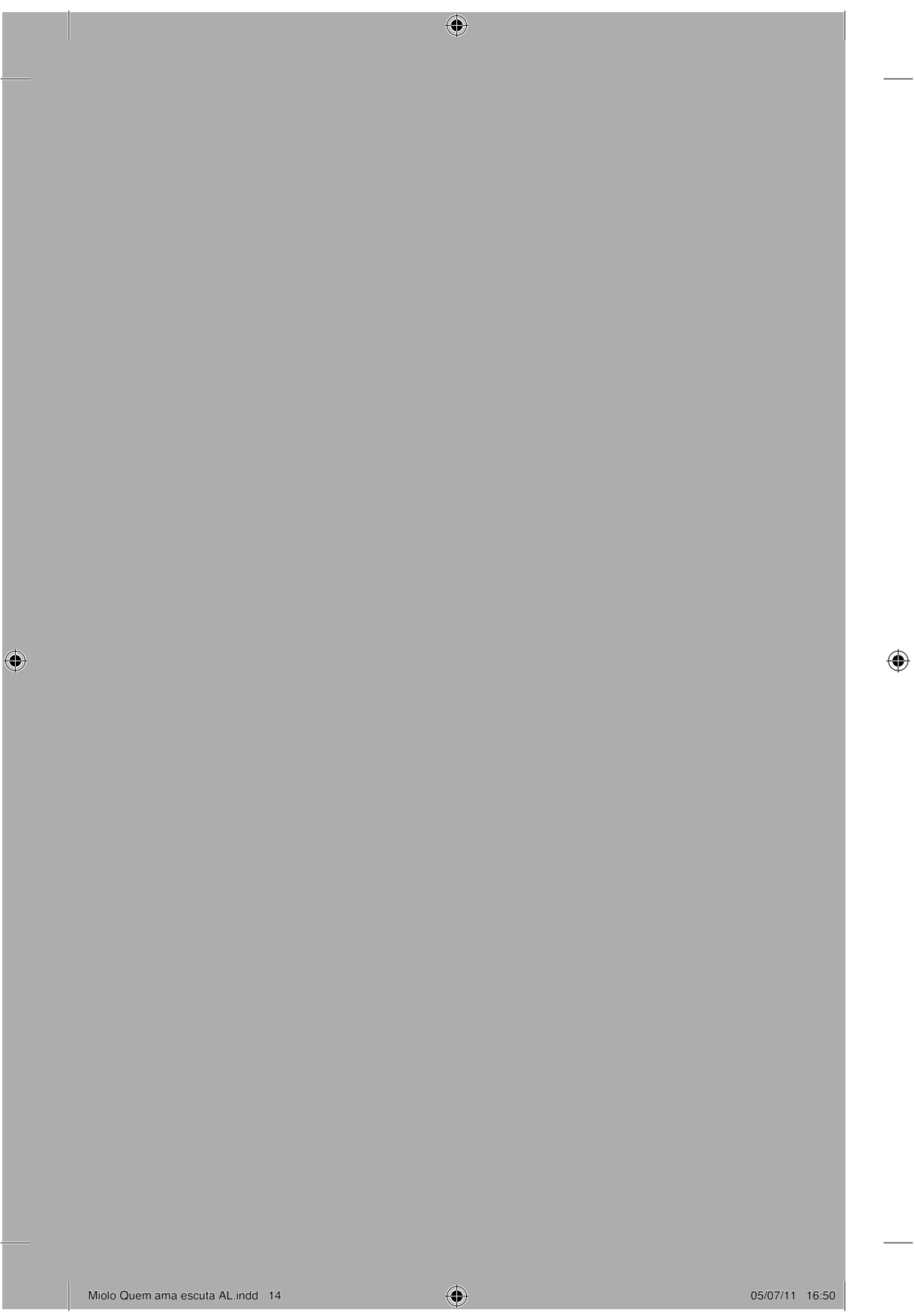
Além de curar, a escuta aproxima. Permite encontrar a semelhança no seio da diferença e superar a intolerância. É um recurso privilegiado para alcançar a paz, que depende da capacidade de incluir o outro no nosso espaço vital. Só por isso, a importância do consultório sentimental é incontestável. Pode o meio de difusão mudar, porém o consultório não deixará de existir. Será sempre moderno.

Tanto neste livro quanto em *Fale com ela*, há uma educação sentimental nova. Por três razões. Primeira: pela ideia de que o inconsciente existe e é preciso se escutar para

não ficar à mercê dele, não ser vítima da paixão. Segunda: porque, em decorrência da importância aqui atribuída ao inconsciente, a educação não tem regra geral. A resposta é sempre função da particularidade de cada um. Terceira: porque, atualmente, a educação é feita pela mídia, e não mais no contexto da família ou através do romance, que é hoje uma referência de poucos.

Para avaliar a necessidade da nova educação sentimental, basta considerar a “revolução sexual” dos anos 60. Foi condicionada pela descoberta da penicilina e da pílula. Já não havia por que ter medo da sífilis e da gravidez indesejada. A palavra de ordem era transar livremente, sem freio algum. Foi um passo à frente; nós escapamos da repressão imposta às gerações anteriores. Só que o sexo se tornou obrigatório. Quem não aceitasse transar era “antiquado”. Houve uma verdadeira tirania do sexo.

Sem uma educação sentimental consequente, a liberdade sexual não existe. Porque esta depende da liberdade subjetiva, que nenhuma revolução ensina. O sexo só é livre quando escapa à repressão, à obrigação e à compulsão, quando somos sujeitos do nosso desejo. Como a base da nova educação sentimental é a escuta, o título *Quem ama escuta* se impôs. Tomara este livro faça o leitor refletir sobre a sua existência e ter um encontro consigo mesmo. Tomara faça escutar mais e melhor, abrir-se assim para o outro.



**TUDO
NUNCA
JÁ FOI
DITO**

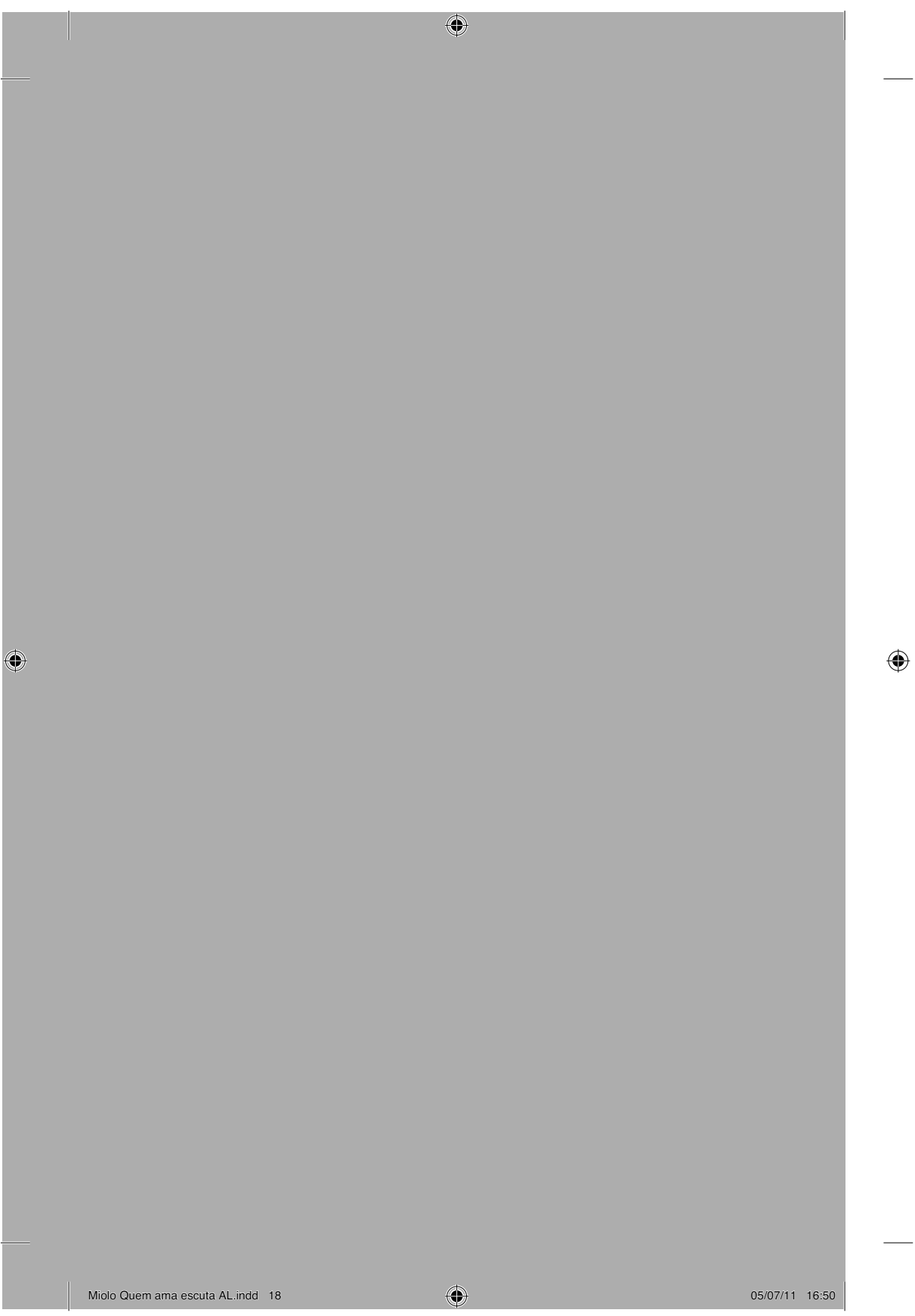
Primeiro namorei e fui noiva de um homem mais velho, que terminou o noivado por achar impossível ir adiante. Logo depois, comecei a me relacionar com um homem casado, pai de três filhos, que fala do casamento como de uma prisão. Diz que me ama, mas não faz nada para ficar comigo.

Se eu sou tão especial, por que ele não procura viver ao meu lado? Só falamos da nossa vida íntima quando eu tomo a iniciativa, pois para ele “tudo já foi dito”. Não consigo me relacionar com mais ninguém de medo de trair o meu sentimento. Não sei o que fazer. Devo ou não esperar? A melhor solução talvez seja o desligamento.

Dois homens impossíveis, um que não tem como “ir adiante” e outro que é casado e não se separa quando você quer viver junto. No dia em que você escolher um homem possível, a sua vida muda. Para isso, você precisa entender por que se envolveu nas duas situações acima. Isso requer um trabalho com você mesma. Que tal falar da sua história com quem sabe escutar?

Quanto ao seu parceiro atual, ele quer a intimidade que você propicia e é só. Do contrário, não diria sempre que “tudo já foi dito”, não evitaria as palavras. Sem elas, o amor não se sustenta. O seu “parceiro” só te quer nas condições que ele impõe. Não é amor e, a menos que você queira continuar a sofrer, a melhor solução é mesmo o desligamento. Você, aliás, sabe disso, embora não possa ainda enxergar o que já vê. Melhor aceitar a desilusão e passar para outra do que viver pensando iludida. A ilusão só é boa quando a gente fica feliz.

Você hoje é vítima da repetição, que é mortífera. A repetição levou Freud ao conceito de pulsão de morte. Você está às voltas com esta pulsão, mas não precisa ficar. Ou melhor, não deve, porque a vida é breve.



O AMIGO
NÃO
ROUBA
TEMPO

Estou casada há mais de 40 anos e não me lembro se, em algum momento, eu me senti identificada com o meu casamento. Tive quatro filhos, mas sempre sonhei com os meus dias de liberdade. Costumo dizer que mãe devia ter contrato com tempo de duração.

Os meus filhos são adultos, com família constituída. Não quero aturar as neuras deles. Meu marido não aceita minha posição e isso é motivo de muita discussão entre nós. Dá vontade de pegar o chapéu e dizer até logo.

Será que eu sou uma mãe terrível? Cumpri minha obrigação em relação a todos quando eram pequenos. Tenho ou não o direito de ir para onde minha liberdade me levar?

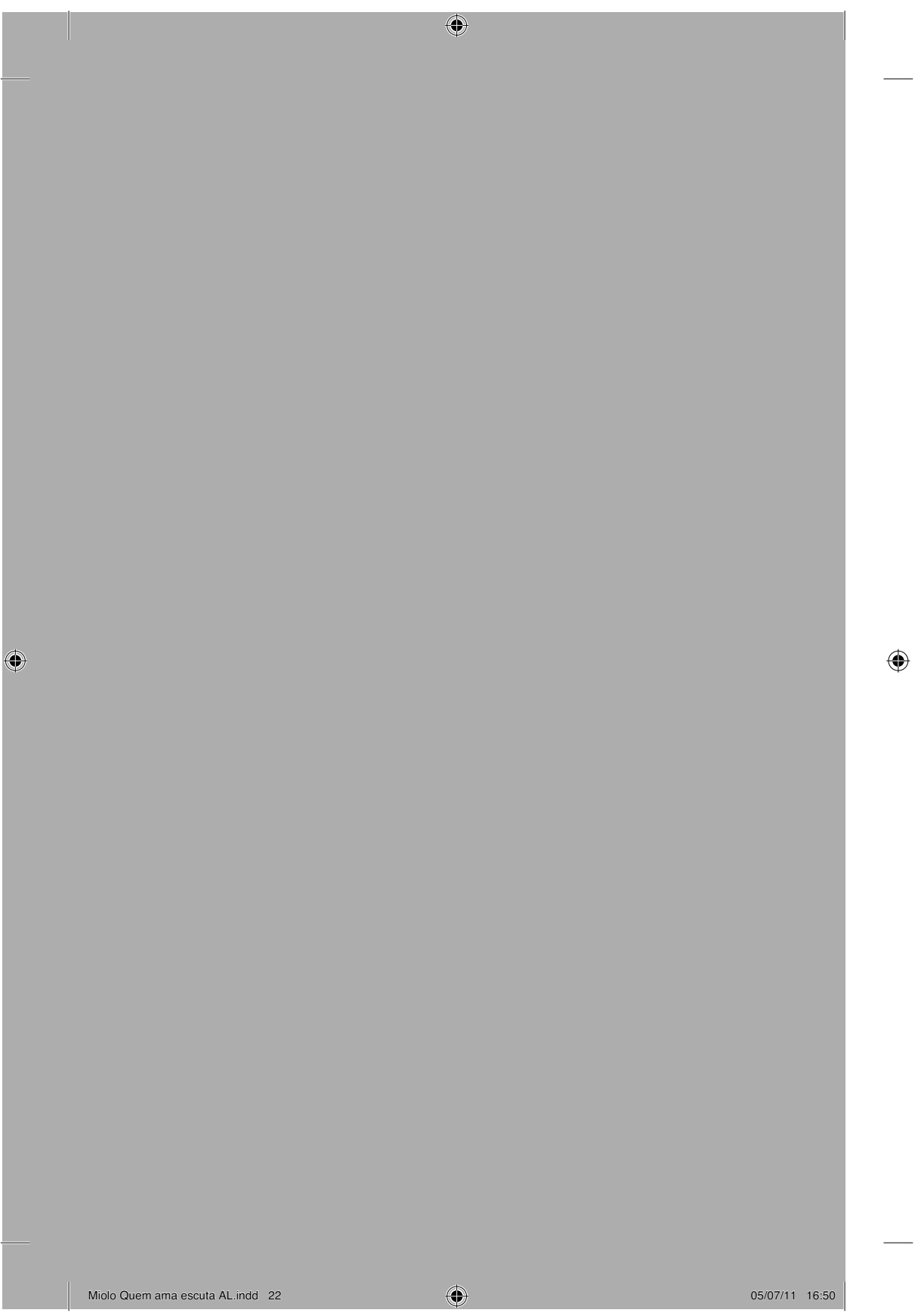
Seu e-mail me surpreendeu. Gostei da frase “mãe devia ter contrato com tempo de duração”. Claro que é preciso limitar o tempo em que a mãe se dedica aos filhos, adiando os projetos incompatíveis com a atenção exigida para o desempenho da função materna, de cuja importância ninguém duvida. O futuro da civilização depende dos valores que os pais transmitem.

Agora, ser mãe obviamente não tem nada a ver com escutar as neuras dos filhos adultos, que podem consultar um especialista para superar suas dificuldades subjetivas. Você só precisa escutar o suficiente para saber encaminhá-los. Se os seus filhos e o seu marido não sabem poupar o seu tempo, eles é que não estão se comportando como devem.

Em *A brevidade da vida*, referindo-se à cegueira do ser humano, Sêneca diz: “Ninguém permite que sua propriedade seja invadida e, havendo discórdia quanto aos limites, por

menor que seja, os homens pegam em pedras e armas. No entanto, permitem que outros invadam suas vidas... Não se encontra ninguém que queira dividir sua riqueza, mas a vida é distribuída entre muitos! São econômicos na preservação do seu patrimônio, mas desperdiçam o tempo, a única coisa que justificaria a avareza”.

Você será terrível consigo mesma se não for avara em relação ao seu tempo. Faça o que for necessário a fim de ir para onde sua liberdade te levar. Quem gosta de você saberá te apoiar.



O AMOR REJUVENESCE

Tenho mais de 70, família constituída, muitos filhos e netos. Uma mulher excepcional. De repente, me apaixono por uma garota de 25 anos, morena de olhos verdes, uma fada. Devo me declarar? Será que eu sou ridículo? Estou completamente perdido. Não sei o que eu faço. Como sofrer o menos possível? Por favor, responda.

O seu e-mail me levou ao dicionário. Consulto-o sempre. Procurei, no *Aurélio*, a palavra *ridículo* e encontrei dois sinônimos: *risível* e *irrisório*. Depois, no *Petit Robert*, o outro dicionário que eu sempre consulto, mais dois: *grotesco* e *absurdo*.

O amor nem é *risível* — muito pelo contrário; nem *irrisório* — move o céu e as estrelas; nem *grotesco* — trata-se de um sentimento sublime; nem *absurdo* — o amor faz tanto sentido que o poeta lírico existe desde sempre. Portanto, o ridículo você não precisa temer.

Você me pergunta se deve ou não falar dos seus sentimentos para a jovem que o arrebatou. Respondo com outra pergunta: vai deixar passar a ocasião, com mais de 70 anos, de viver de novo o amor, que precisa das palavras para acontecer? Não faça isso consigo mesmo. Até porque a única saída de quem está apaixonado é viver a paixão. Ainda que você a vivesse abertamente, a família não deveria censurá-lo. Porque o amor rejuvenesce. Quem pode censurar o próximo por desejar o rejuvenescimento? Mas, se você acha que a família não suporta a verdade, recorra à clandestinidade.

Para sofrer o menos possível, é preciso aceitar o que acontece e encontrar um equilíbrio novo. A vida é uma

história de equilibrismo, que pode ser mais ou menos longa em função da sorte e do talento de cada um. Só não anda na corda bamba quem já morreu.

Noutras palavras, não deixe de correr o risco de conquistar a sua amada. Para terminar, cito um poema de Manuel Bandeira, que morreu aos 80 e deve ter vivido o amor até o último dos seus dias: *Bem que velho te reclamo/ Bem que velho te desejo, quero e chamo.*